



## 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

---

Eixo: Serviço Social, Fundamentos, Formação e Trabalho Profissional.

Sub-Eixo: Ênfase em Formação Profissional.

### **RAIZ CONSERVADORA DO SERVIÇO SOCIAL E CONTRADIÇÃO NA FORMAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DO BRASIL – UMA EXPERIÊNCIA DE MONITORIA EM FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E TEÓRICO-METODOLÓGICOS DO SERVIÇO SOCIAL**

**Clarice da Costa Carvalho<sup>1</sup>**

**Luana Silva de Azevedo<sup>2</sup>**

**Thamires Costa Meirelles dos Santos<sup>3</sup>**

**Resumo:** Neste artigo iremos relatar a perspectiva que orienta a proposta de monitoria e pesquisa no campo dos Fundamentos Históricos e Teórico-metodológicos do Serviço Social com a proposta de dinamizar as aulas e considerando a articulação dos fundamentos da profissão, com a produção historiográfica sobre a realidade brasileira, utilizando recursos fílmicos e literários. Trata-se da análise dos primórdios do Serviço Social no Brasil e análise da profissão no processo de produção e reprodução das relações sociais, especialmente nos aspectos relacionados às relações entre Estado e classes sociais no lastro dos anos 1930-1950.

**Palavras-chave:** Fundamentos do Serviço Social, formação sócio-histórica, Brasil, formação profissional.

**Abstract:** In this article we will report the perspective that guides the proposal of academic monitoring and research in the field of Historical and Theoretical-Methodological Fundamentals of Social Work with the proposal of dynamizing the classes, considering the articulation of the fundamentals of the profession, with the historiographic production about the Brazilian reality, using film and literary resources. It is the analysis of the beginnings of Social Work in Brazil and analysis of the profession in the process of production and reproduction of social relations, especially in the aspects related to State and Social Classes relation in the years 1930-1950.

**Keywords:** Fundamentals of Social Work, social-historical formation, Brazil, professional qualification

A disciplina de Fundamentos Históricos e Teórico-Metodológicos do Serviço Social I tem por objetivo elucidar as protoformas do Serviço Social no Brasil, partindo da análise da profissão, especialmente nos aspectos relacionados às relações Estado e classes sociais nos lastros dos anos de 1930 a 1950, particularizando essa processualidade histórica ao cenário brasileiro da época.

Como é amplamente divulgada na produção bibliográfica do Serviço Social, a profissão possui sua gênese no Brasil, claramente articulada aos projetos conservadores hegemônicos no país. A vinculação com as iniciativas formativas oriundas no bojo das organizações católicas, as primeiras experiências profissionais, o campo de recrutamento, a

---

<sup>1</sup> Professor com formação em Serviço Social, UFF Rio das Ostras, E-mail: clarice.costacarvalho@gmail.com.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação, UFF Rio das Ostras, E-mail: clarice.costacarvalho@gmail.com.

<sup>3</sup> Estudante de Graduação, UFF Rio das Ostras, E-mail: clarice.costacarvalho@gmail.com.

própria origem de classe das pioneiras do Serviço Social e as influências teóricas dos primórdios da profissão, entrelaçam-se às iniciativas estatais e patronais, explicitando o rol de processos e relações que caracterizam a raiz conservadora de nossa profissão.

A estratégia pedagógica que temos construído passa pelo debate sobre como estes dois fundamentos conservadores, que marcaram as origens do Serviço Social no Brasil, e, didaticamente, pela contraposição expressa pelas iniciativas de contestação e resistência das classes trabalhadoras, visto que o avanço das opressões, característico da sociabilidade capitalista, impacta diretamente nas condições de vida desta classe, materializando-se como expressões da questão social.

Construímos, assim uma abordagem na qual demos destaque às leituras críticas da desigualdade social e pobreza, utilizando recursos literários, documentais e fílmicos.

Para as atividades deste semestre, além das referências bibliográficas do campo do Serviço Social selecionamos os livros “Diários de Bitita” e “Quarto de Despejo” de Carolina Maria de Jesus; o samba recenseamento; as pinturas “Abapuru” e “Redenção de Nam”; os documentários de Jean Manzon<sup>4</sup> “As favelas vão acabar” e “Nordeste o problema número um<sup>5</sup>” e entrevistas com pioneiras do Serviço Social brasileiro<sup>6</sup>.

O acompanhamento contemplará o debate dos recursos literários como a obra de Carolina Maria de Jesus Diários de Bitita e dos elementos biográficos das pioneiras do Serviço Social no Brasil, com destaque para aquelas de origem e trajetória fluminense e carioca, além de registros e/ou produções fílmicas, a fim de dinamizar as atividades pedagógicas que serão desenvolvidas na disciplina.

A experiência da monitoria destaca a produção de material didático de apoio e atendimento aos estudantes da disciplina Fundamentos Históricos e Teórico-metodológicos do Serviço

---

4 Jean Manzon, fotógrafo francês radicado no Brasil com destaque em trabalhos de fotojornalismo e produção cinematográfica.

5 Os documentários foram produzidos para o Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (IPES), o estudo de Corrêa analisa que havia uma simbiose entre a produção de Manzon e a perspectiva do IPES: “Compreendemos a produção dos documentários ipesianos não a partir de um processo de encomenda/prestação de serviço onde o produtor apenas colabora com a formatação das ideias propostas pelos financiadores. Manzon foi o que poderíamos considerar o “publicitário” das ideias defendidas pelo Instituto.” (CORRÊA, 2005, p. 04).

Para Corrêa: “Estruturalmente o filme pode ser dividido em cinco sequências. A primeira caracteriza os personagens que serão apresentados; a segunda destina-se a apresentação dos problemas enfrentados pela região (miséria, seca, mortalidade infantil, emigração, atraso social, etc); a terceira sequência demonstra ações paliativas de combate aos problemas sociais e econômicos (ações públicas e ações privadas, construção de açudes, canais de irrigação, água, etc.); a quarta sequência demonstra exemplos de ações concretas para a solução dos problemas apresentados (instalações industriais, ações de plantio, construção de indústrias, trabalhadores em atividade); e, por fim, a quinta sequência demonstra a paisagem transformada (instalações industriais, grandes áreas plantadas, campos irrigados etc).” ( p. 116)

6 Entrevistas acessadas por meio do projeto Memória da assistência social no Brasil: constituição de banco de entrevistas”, desenvolvido em convênio com o Ministério da Previdência e Assistência Social através de sua Secretaria de Estado de Assistência Social, entre 2001 e 2002, com o objetivo de constituir um acervo de depoimentos sobre o tema a ser disponibilizado no CPDOC e no Centro de Referência e Estudos da Assistência Social.

Social I e está articulada ao “Grupo de estudos, pesquisa e extensão em Serviço Social, trabalho e processos contemporâneos” - (GEPESSC) o que significa a inserção das estudantes em pesquisas e elaboração textual voltados à sistematização dos temas de estudos específicos da disciplina do curso de graduação em Serviço Social e, também, temas relacionados a fim de dinamizar as aulas e a formação das estudantes-monitoras. Dialogando, ainda, com a perspectiva de formação profissional definida nas Diretrizes Curriculares da ABEPSS, tratando das particularidades regionais no trato dos conteúdos da formação profissional.

A centralidade da compreensão dos Fundamentos históricos e teórico-metodológicos do Serviço Social nesta disciplina e no Projeto de Monitoria é elementar e merece destaque, pois foge do que normalmente é posto: um debate branco e eurocêntrico. Cabe ressaltar que a maioria das ementas desta disciplina em especial, possuem suas referências em bibliografias e recursos filmicos que partem de uma narrativa europeia acerca dos primórdios do modo de produção capitalista e, sobretudo do desenvolvimento do Serviço Social enquanto profissão de caráter interventivo. A escolha desses recursos ocorre na maioria das vezes pela influência Belga e Francesa, que norteou os estudos do Serviço Social nos primeiros cursos de Serviço Social no Brasil. Entendemos que a compreensão dos processos sócio-históricos brasileiros na relação com os fundamentos da profissão é uma abordagem pedagógica mais adequada, mais complexa e mais rica em elementos formativos para os estudantes e monitores da disciplina<sup>7</sup>.

Contudo a autoimagem da profissão na particularidade brasileira possuiu um conjunto de fatores sociais e econômicos específicos e complexos que, quando pensados a partir dos recursos bibliográficos, artísticos e filmicos construídos por pensadores e artistas brasileiros, possibilitam um entendimento ainda mais abrangente e de caráter histórico extremamente significativo. É necessário ressaltar que a proposta deste relato não se fundamenta em desprezar as contribuições da vertente eurocêntrica para o debate e desenvolvimento do Serviço Social, mas sim de construir uma análise crítica a utilização exclusiva deste tipo de recurso teórico-metodológico reconhecendo também as possibilidades e potencialidades existentes de estudar e compreender a história da profissão, partindo de narrativas

---

7 De acordo com lamamoto (1998), faz-se necessário “[...] dar um “mergulho na realidade social do país” (p. 55). A produção de lamamoto dialoga diretamente com a contemporaneidade numa perspectiva histórica, esta fonte e as orientações das diretrizes curriculares da ABEPSS nos inspiram na busca e construção da articulação entre a profissão e realidade, tomando este desafio como uma tarefa para várias gerações de assistentes sociais. Nos termos da autora: “Pode-se concluir que articular a profissão e a realidade é um dos maiores desafios, pois entende-se que o Serviço Social não atua apenas *sobre* a realidade, mas atua *na* realidade. Nesta perspectiva, compreende-se que as análises de conjuntura — com o foco privilegiado na questão social —, não são apenas o *pano de fundo que emolduram o exercício profissional*; ao contrário, são partes constitutivas da configuração do trabalho do Serviço Social, devendo ser apreendidas como tais. O esforço está, portanto, *em romper qualquer relação de exterioridade entre profissão e realidade*, atribuindo-lhe a centralidade que deve ter no exercício profissional”. (lamamoto, 1998, p. 55 *grifos da autora*).

brasileiras que por sua vez também foram vítimas do apagamento histórico que marca o período de escravização no Brasil.

Por falar em contribuições e apagamento histórico, como uma das propostas bibliográficas do Projeto de Monitoria, está a leitura crítica dos livros: “Quarto de despejo, 1960” e “Diário de Bitita, 2014” da grande escritora negra Carolina Maria de Jesus, duas referências bibliográficas de suma importância para se pensar a questão social e seus rebatimentos no início do século XX. Como dito anteriormente, a disciplina tem por objetivo o estudo das relações entre o Estado e as classes sociais que antecederam o surgimento da profissão, pensando a partir da particularidade brasileira e do caminho teórico-metodológico escolhido, Carolina Maria de Jesus, em “Diário de Bitita”, 2014 descreve as condições de vida que a população negra estava inserida, ainda com fortes resquícios da escravização, quando poucos foram os negros que conseguiram migrar dos interiores para os grandes pólos industriais. A autora, em diversos trechos, conta como o trabalho fabril na então capital Rio de Janeiro e, sobretudo na cidade de São Paulo era o sonho de ascensão de muitos negros que ainda viviam em condições muito similares à da escravização no campo.

Alguns trechos contidos em “Diário de Bitita”, 2014 elucidam o que representava a possibilidade de estar no cerne da industrialização para a população negra: “*Os patrões decidiram visitar São Paulo (...) Quando regressaram, falavam do progresso da cidade industrial*” (p.177), entre os diversos capítulos que narram a idealização negra em se tornar parte da classe trabalhadora dos grandes centros urbanos e as reais condições objetivas que impediam isto, o livro termina com o desejo da autora sendo realizado e o tom da esperança de ascensão em seus escritos:

Até que enfim eu ia conhecer a ínclita cidade de São Paulo! Eu trabalhava cantando, porque todas as pessoas que vão residir na capital do estado de São Paulo rejubilam-se como se fossem para o céu (...) Quando cheguei à capital, gostei da cidade, porque São Paulo é o eixo do Brasil. É a espinha dorsal do país. Quantos políticos! Que cidade progressista. São Paulo deve ser o figurino que este país se transforme num bom Brasil para os brasileiros. Rezava agradecendo a Deus e pedindo-lhe proteção. Quem sabe ia conseguir meios para comprar uma casinha e viver o resto de meus dias com tranquilidade. (JESUS, 2014, p. 205-206)

Torna-se evidente que a massa operária usuária do Serviço Social no início do século XX era composta majoritariamente pela mão de obra imigrante, haja vista que muitos dos negros nem sequer podiam frequentar escolas, tampouco eram considerados dignos para receber salários pelo trabalho braçal que desempenhavam, faziam parte de uma minoria os que conseguiam subsídios para migrar para os pólos industriais. Em outros trechos é nítido que os imigrantes de origem europeia, ainda que imigrantes que como sabido também foram uma das mãos de obra mais exploradas no país, possuíam mais oportunidades do

que a população negra, oportunidades estas estritamente ligadas ao legado deixado pelo período escravocrata com relação aos negros no Brasil<sup>8</sup>.

Os recursos artísticos e visuais produzidos por artistas brasileiros na época, também retratam o operário ainda no século do XX. O famoso quadro “*Abaporu*”, 1928 de Tarsila do Amaral traduz o trabalhador rural do início do século e como ele era visto pelo sistema que estava se consolidando: com pernas e braços enormes e uma cabeça minúscula, a figura de um homem negro significa a supervalorização da força braçal e o desprezo do intelecto, condição na qual era fadado o trabalhador negro a viver no exílio do campo.



(Abaporu, 1928)

O “não-lugar” dos negros no processo de industrialização e complexificação da economia brasileira também impõe a marca do racismo nas expressões da questão social. Nos termos de Carvalho (1995):

A “questão Social”, seu aparecimento, diz respeito diretamente à generalização do trabalho livre numa sociedade em que a escravidão marca profundamente seu passado recente. Trabalho livre que se generaliza em circunstâncias históricas nas quais a separação entre homens e meios de produção se dá em grande medida fora dos limites da formação econômico-social brasileira. Sem que se tenha realizado em seu interior a acumulação (primitiva) que lhe dá origem, característica que marcará profundamente seus desdobramentos. (CARVALHO, 1995, p. 127)

<sup>8</sup> “O Brasil abria imigração para a Itália. Íamos receber seis mil italianos, dois mil iam para São Paulo, dois mil para o Rio Grande do Sul, um mil para o Rio de Janeiro, um mil para o estado de Minas Gerais.” “[...] Os italianos, de colonos, foram transformando-se em fazendeiros, compravam áreas nas grandes cidades. Construíram casas para alugá-las, vilas. E mandavam nas cidades, e viviam com os rendimentos dos aluguéis. Os italianos construíam padarias, lojas e não faltava trabalho.” (JESUS, 2014, p. 44-46)



(A Redenção de Cam, 1895)

É posto, como possível saída para um destino pré-estabelecido pela escravização (no que se diz respeito a possibilidades de ascensão social), o embranquecimento da população. Processo retratado artisticamente, ainda no século XIX, pelo pintor espanhol Modesto Brocos em 1895, que através da obra nomeada “A *redenção de Cam*” evidenciou o processo de embranquecimento da população negra (alcançado por meio da mistura das raças e etnias) a esperança de mudança do perfil racial no país<sup>9</sup>.

A classe trabalhadora não pode ser representada em hipótese alguma de forma homogênea, ao contrário a heterogeneidade da classe é um fator de suma importância na compreensão das multicausalidades presentes em uma camada tão potente e significativa; entretanto no início do século passado como exemplificado anteriormente, esta classe ainda que diversa, possuía em sua maioria a mão de obra do imigrante europeu, esses por sua vez, foram os primeiros usuários dos serviços sociais e da intervenção das pioneiras do Serviço Social na época. Somente particularizando e utilizando de outras narrativas, pode-se articular de forma mais abrangente e potencializadora, determinados eixos sócio-históricos que permearam a Institucionalização do Serviço Social no Brasil, de outro modo

<sup>9</sup> Este elemento estético também pode ser discutido a partir do documentário “Nordeste problema número um”, segundo Corrêa “O segundo ponto está associado à sua representação estética. Nas sequências anteriores, o porte físico dos personagens que serviam como representantes do nordestino, eram sempre associados à paisagem da qual tomavam parte. Filmados sob o sol, acentuavam-se as marcas em seus rostos, ressaltando os contrastes claro-escuro e contribuindo para torná-los ainda mais taciturnos. A partir de sua associação ao elemento de fecundidade água, sua constituição física é diferenciada; evidenciando a marca que o discurso fílmico estabelece entre a situação anterior de miséria e fome e a ação de transformação contida nas propostas do IPES para a região. Dessa forma, se nas sequências anteriores o nordestino era caracterizado segundo a paisagem da qual emergia, a partir deste momento ele é apresentado com outras características: é **branco, robusto e possui um semblante diferenciado**. (2005, p.118-119 *grifos nossos*).

não haveria como saber que a massa de trabalhadores negros só passa a adensar em maior número no trabalho fabril alguns anos após o capitalismo industrial iniciar de fato seu desenvolvimento.

No documentário “Nordeste o problema número um” são tratados vários temas pertinentes ao enfrentamento da questão social, particularmente pelo Estado brasileiro e pelas iniciativas patronais. As frentes de trabalho são apresentadas em tom ufanista como grande possibilidade de mudança para a população. Novamente as imagens são impactantes, uma grande quantidade de trabalhadores em filas, aguardando atendimento, trabalhando. A sequência é finalizada com a frase: “Quem dá trabalho ao homem nordestino, ajuda a redimir a região”, contudo não há a perspectiva de *dar* trabalho aos nordestinos, uma vez que o próprio documentário informa que havia isenção de 50% do imposto de renda para as empresas que investissem no nordeste, além das iniciativas de crédito que deveriam atuar na perspectiva de minimizar o sofrimento dos trabalhadores, mas que, se constituía como investimento para os industriais.

Com intuito de trazer uma imagem brutalizada do sertão, reforçando suas características e livrando-se de discussões de origens, essas sequências buscam representar o que havia de mais brutal na paisagem nordestina: a seca. O superenquadramento da imagem da mulher caminhando, tendo ao fundo uma árvore ressequida, busca nos apresentar uma realidade não construída; uma imagem retirada do real. Ora, se esse plano ratifica a paisagem brutalizada do sertão, o seguinte reforça o argumento de como essa paisagem age sobre sua população. Com a “fome assumindo o comando” esse plano vai se fundir com as imagens do cortejo fúnebre. Apesar de a relação entre seca/fome/morte apresentar um argumento comum, há de se considerar o intento dessas imagens como vinculadas ao próprio posicionamento político-econômico do IPES em relação à sua atuação e/ou posicionamento sobre o Nordeste.

Ora, após a criação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE, em 1958, a região se tornou, pelo menos potencialmente, um campo propício para a implementação de novos parques industriais. Mão-de-obra barata, financiamento governamental, associada à ideia de ação social por parte das indústrias no auxílio ao “flagelo” das secas, abriram um campo excepcional aos interesses financeiros (CORRÊA, 2005, p. 116).

A ênfase de uma perspectiva elitizada que reforça o estereótipo de falência social presente na linguagem do documentário, fica evidenciada pela própria origem da produção – o discurso empresarial do IPES, que por razões óbvias não menciona as mobilizações de resistências engendradas pelos trabalhadores nordestinos, como as ligas camponesas, por exemplo. De acordo com Löwy “*o que acontece na América Latina é que, a partir dos fins dos anos 50, o desenvolvimento do capitalismo atingiu um grau tal que há uma espécie de intensificação de todos os conflitos sociais, que vão se tornando muito mais agudos.*” (1988, p.148). No entanto, o posicionamento ideológico fica explícito na menção articulada de três aspectos – a associação à água ao que é viçoso, transformador, simbolicamente associado à fecundidade em contraposição à seca, à pobreza, sinteticamente, a oposição ao ciclo de

vida/morte; o segundo ponto é a representação estética (vide nota n. 4 ) e, por fim, é ação de trabalho em contraposição à passividade, associando o nordestino à uma atitude indolente “[...] *em relação a sua própria terra, aqui o personagem realiza uma ação direta sobre seu próprio meio [...]. Essa sequência edifica a imagem de um trabalhador ativo, laborioso, que se opõe às imagens anteriores.*” (p.119)

O Documentário também destaca que as condições de trabalho da massa de nordestinos são as mais precárias e mal remuneradas. São apresentadas as dificuldades da agricultura e indicada a necessidade de crédito agrícola *supervisionado*. “*A vida nordestina é elementar, áspera, fechada em si mesma, sem qualquer perspectiva de progresso social.*” (MANZON, 1963).

A maneira como o filme estabelece dois momentos distintos à imagem do nordestino ratifica um discurso cuja preocupação se centrava na necessidade de estabelecer uma imagem que deveria prescindir de qualquer aproximação com ideais comunistas / socialistas. No cerne dessa caracterização atribuída por *Nordeste problema número um*, está a preocupação do grupo em se descaracterizar a ação das Ligas Camponesas que surge como um dos mais importantes movimentos sociais na década de 1960. (CORRÊA, 2015, p. 120).

A mortalidade nordestina é apresentada como algo alarmante, chegando ao índice de 70% antes de um ano de idade – a cena que expõe esta realidade é particularmente impactante – um grupo de crianças a carregar um caixão aberto com uma criança morta. Para Corrêa:

A linguagem utilizada no documentário é praticamente institucional, alterando os tons de culpabilização da população e sua ignorância, ausência de perspectivas que impõe a migração para outras regiões do país.

Os documentários foram produzidos em 1963, serão utilizados nas aulas finais da disciplina ajudam a problematizar a realidade sócio-histórica brasileira a partir dos anos 1950 e, daí, construímos o debate sobre os rumos do Serviço Social e dos fundamentos da profissão no contexto do desenvolvimentismo, sobretudo pela inserção das assistentes sociais em iniciativas/ações estatais e pela incorporação do desenvolvimento de comunidade, inclusive como técnica de intervenção profissional.

Ainda vigorava no Serviço Social brasileiro, leituras conservadoras e o registro do documentário, que ajuda a identificar este perfil profissional. Na fala do narrador do documentário – um trabalhador brasileiro: “[...] *duas moças bem vestidas que chegavam à favela, e foi a partir daquele momento que a favela começou a ficar diferente, com as pioneiras sociais, as famílias dos barracos começaram a encontrar compreensão, ajuda e simpatia. Um milagre estava acontecendo.*” (Manzon, 1963b).



A partir daí o documentário “As favelas vão acabar” enfatiza as iniciativas da Fundação Leão XXIII como a realização de um sonho: sorteio de lotes para construção de casas, já que todos sonhavam “com uma casinha bonitinha”, “um chuveiro jorrando água é um milagre” e que um homem que ama o trabalho é “um homem feliz, que crê no futuro”, expressando os fundamentos moralistas - travestidas de intervenção técnica - que nortearam as ações profissionais das assistente sociais até os anos 1960 no Brasil.

O Documentário apresenta alguns dados relevantes sobre as políticas de habitação voltadas para a perspectiva de total extinção das favelas no estado da Guanabara. Explicando como parte das parcerias com a Aliança para o progresso e Banco Interamericano. Apresenta o número de construção de 10 mil casas no ano no estado da Guanabara, que eram financiadas para os trabalhadores - 15% do salário mínimo em 10 anos – evidenciando que o que de fato ocorria era a aquisição de moradias pelo endividamento dos trabalhadores. Naquela época existiam 200 favelas no Rio de Janeiro, na qual vivem cerca de 1 milhão de pessoas. E o narrador reforçava que “A favela só tem poesia nas letras do samba [...] a não ser que pode fazer poesia da miséria, do desgosto absoluto, da desgraça dos seres humanos” (Manzon, 1963b). E é justamente um samba que utilizamos para discutir a realidade dos favelados por outro ângulo de análise.

O Samba Recenseamento<sup>10</sup> traz uma crítica da relação Estado/classes sociais a partir do relato de uma situação do cotidiano dos pobres, o tom apresentado como a abordagem do recenseador – que podemos compreender como materialização das ações do Estado – apresenta uma determinada leitura sobre os favelados:

Não podemos esquecer que a utilização de um texto em discurso indireto supõe menor fidelidade ao texto original por pressupor uma interpretação daquele que reproduz o discurso em forma indireta, o que neste caso também acarreta uma ênfase na dúvida da pergunta levantada. Pensando na provável pergunta em discurso direto, realizada sem pronomes interrogativos, nos deparamos com a instauração do implícito de que o moreno não é decente. Esse implícito é salientado pelo emprego da disjuntiva “ou” que denota uma perspectiva onde trabalho e folia não são compatíveis, onde a presença de um necessariamente exclui o outro. Ademais, vê-se por meio da sequência lógica construída que o fato da mulher não ser legalmente casada e ser uma mãe solteira, gera imediatamente o questionamento do caráter de trabalhador do seu companheiro. Ou seja, aquele que não se enquadra em um dos aspectos dos ideais de cidadão do Estado potencialmente não se enquadrará tampouco nos demais. Neste caso, não tendo a personagem-narradora uma família ideal, tampouco teria um companheiro trabalhador. (p. 06).

10 Segue a letra completa do samba de Assis Valente: “Em 1940/ lá no morro começaram o recenseamento/ E o agente recenseador/ esmiuçou a minha vida/ que foi um horror/ E quando viu a minha mão sem aliança/ encarou para a criança/ que no chão dormia/ E perguntou se meu moreno era decente/ se era do batente ou se era da folia// Obediente como a tudo que é da lei/ fiquei logo sossegada e falei então:/ O meu moreno é brasileiro, é fuzileiro,/ é o que sai com a bandeira do seu batalhão!/ A nossa casa não tem nada de grandeza/ nós vivemos na fartura sem dever tostão/ Tem um pandeiro, um cavaquinho, um tamborim/ um reco-reco, uma cuíca e um violão// Fiquei pensando e comecei a descrever/ tudo, tudo de valor/ que meu Brasil me deu/ Um céu azul, um Pão de Açúcar sem farelo/ um pano verde e amarelo/ Tudo isso é meu!/ Tem feriado que pra mim vale fortuna/ a Retirada da Laguna vale um cabedal!/ Tem Pernambuco, tem São Paulo, tem Bahia/ um conjunto de harmonia que não tem rival.”

O presente Projeto de Monitoria tem focado, assim, a descoberta de um conhecimento particular da sociabilidade brasileira do início do século XX, conhecimento esse que engloba o estudo e a análise de questões que vão além das referências Franco-Belgas e que são de suma importância para se compreender o Serviço Social e suas protoformas em uma realidade dinâmica e complexa como a realidade brasileira. Além da utilização recursos alternativos, que muitas vezes são invisibilizados no meio acadêmico, sobretudo por se tratar de produções femininas; o Projeto de Monitoria da disciplina de Fundamentos Históricos e Teórico-Metodológicos do Serviço Social I, tem feito o convite a pensarmos questões que englobam gênero, raça e classe e percebermos que essas categorias estão muito mais presentes nos primórdios da profissão do que antes parecera. A linguagem irônica do Samba Recenseamento<sup>11</sup> possibilita este diálogo com leituras e registros populares e ampliação de referências no debate acadêmico, incluindo aí outros saberes.

Por fim, identificamos que, para além da ementa proposta para a disciplina, o Projeto de Monitoria permite uma ampla análise sobre os múltiplos fatores que incidiram na realidade social e econômica do referido período histórico. Trata-se de um convite para mergulhar na diversidade literária e outras ferramentas de aprendizado que quando juntas reconfiguram a compreensão de um assunto que antes parecera tão pontual e singular. É no bojo da análise de um período histórico repleto de particularidades e complexidade, que o entendimento acerca das bases que corroboraram para a institucionalização do Serviço Social enquanto profissão, ganham forma.

## REFERÊNCIAS

IAMAMOTO, Marilda Villela. **Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. São Paulo, Cortez Editora, 1998.

CARVALHO, Raul de. Aspectos da história do Serviço Social no Brasil. In: IAMAMOTO, Marilda Villela; CARVALHO, Raul de. **Relações sociais e serviço**

---

11 “Segue-se uma enumeração constituída pelos elementos da natureza “céu azul” e pelo “Pão de Açúcar”, um dos mais conhecidos cartões postais da cidade do Rio de Janeiro e do Brasil, mas empregado de forma irônica devido à adjetivação “sem farelo”. Soma-se a essa primeira enumeração uma nova menção à bandeira, porém, desta vez, de forma despectiva (“um pano verde e amarelo”). Todos estes elementos constroem de forma polêmica um interdiscurso com a própria imagem da bandeira nacional, cuja seleção de cores é comumente justificada pela relação dessas com elementos da natureza: o verde das matas, o azul do céu, o amarelo do ouro. Tal imagem está em consonância com o chamado “verdeamarelismo”, “elaborado durante anos pela classe dominante brasileira como imagem celebrativa do país essencialmente agrário” (CHAUÍ, 1996, p. 32), criado pelos proprietários de terra e calcado “no otimismo da exaltação da Natureza e do tipo nacional, pacífico e ordeiro” (op. cit., p. 34). Após a mencionada enumeração, emprega-se o verso exclamativo “Tudo isso é meu!” que, na interpretação de Carmen Miranda, é enfatizado, o que salienta o tom irônico das mencionadas dádivas do país.” (Menezes, 2010, p. 08)

**social no Brasil:** esboço de uma interpretação histórico-sociológica. SP: Cortez/CELATS, 1995.

CASTRO, M. M. **História do serviço social na América Latina.** São Paulo: Cortez/CELATS, 1993.

CORRÊA, Marcos. **O discurso golpista nos documentários de Jean Manzon para o IPES (1962/1963).** Campinas, SP : [s.n.], 2005. Orientador: Sheila Schvarzman. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes.

JESUS, Carolina Maria de. **Diários de Bitita.** São Paulo: SESI-SP editora, 2014.

LÖWY, Michael. A Crítica Romântica da Civilização Capitalista e sua Relação com a Cultura Católica. **Revista Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 28, 1988.

MANZON, Jean. **As favelas vão acabar.** Doc. 1963a.

MANZON, Jean. **As favelas vão acabar.** Doc. 1963b.

MARTINELLI, M.L. Serviço Social: rompendo com a alienação. In: **SERVIÇO Social: Identidade e Alienação.** 9. ed. São Paulo: Cortez: 2005.

MENEZES, Andreia dos Santos. Pipistrela e Recenseamento: o embate entre vozes marginais e disciplinadoras nas letras de tango e de samba. **Anais... do I CIPLOM: Foz do Iguaçu - Brasil, de 19 a 22 de outubro de 2010.**

VERDÈS-LEROUX. J. Poder e Assistência – gênese, funções objetivas do Serviço Social. In: **TRABALHADOR social: prática, habitus, ethos, formas de intervenção.** São Paulo: Cortez, 1986.